

Destrafalização e Alteridade: A Experiência Política das Interfaces Assistenciais

Weak Trait Desassembly and Alterity: Political Experience of Assistance Interfaces
Destrafalización y Alteridad: La Experiencia Política de las Interfazes Asistenciales

Nara Oliveira*

* Graduada em Serviço Social. Especialista em Metodologia do Ensino Superior. Mestre em Sociedade Cultura e Fronteiras. Professora Universitária. Voluntária do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC).

nararegyna@gmail.com

Texto recebido para publicação em 09.05.2011.

Palavras-chave:

Cotidiano
Neotrafor
Poder
Proéxis

Keywords

Existential program
Quotidian reality
New strong trait
Power

Palabras-clave

Cotidiano
Neotrafor
Poder
Proexis

Resumo:

O texto trata da importância do outro no processo de destrafalização, destacando a ampliação dos referenciais assistenciais como benefícios decorrentes das relações alteritárias. Dispõe sobre a necessidade das interfaces assistenciais principalmente entre consciências e coletivos com dificuldades de estabelecerem conexões direta e espontaneamente. Aborda tanto a execução da maxiproéxis grupal quanto as relações interconscienciais cotidianas como fenômenos políticos.

Abstract:

The text addresses the importance of others in the process of detrafalization, by highlighting the expansion of assistance referentials as benefits derived from otherness relationships. It groups the needs for assistance interfaces, especially between consciousnesses and collectives with difficulties of establishing direct and spontaneous connections. It approaches both the execution of the group existential maxiprogram and the interconsciential relations on a daily basis as a political phenomena.

Resumen:

El texto trata de la importancia del otro en el proceso de destrafalización, destacando la ampliación de los referenciales asistenciales como beneficios decurrentes de las relaciones alteritarias. Dispone sobre la necesidad de las interfazes asistenciales principalmente entre conciencias y colectivos con dificultades de establecer conexiones directa y espontáneamente. Aborda tanto la ejecución de la maxiproexis grupal cuanto a las relaciones interconscienciales cotidianas como fenómenos políticos.

INTRODUÇÃO

Evento. Este *paper* foi redigido para registro e divulgação da conferência proferida no *I Simpósio Internacional de Democracia Direta*, realizado de 3 a 5 de julho de 2011, no Polo Conscienciocêntrico *Discernimentum* em Foz do Iguaçu, no estado do Paraná.

Macrotemática. O evento reuniu pesquisadores interessados na discussão de assuntos relacionados à macrotemática *Construindo as Bases Cosmoéticas na Politicologia*.

Conferência. A conferência *Alteridade e Destrafalização: A Experiência Política das Interfaces*

Assistenciais objetivou abordar a importância das interfaces assistenciais e das relações contrastantes no processo de destrafalização necessária à autodinamização da proéxis.

Notuário. Este texto reúne notas redigidas na elaboração da palestra, utilizadas como balizas orientadoras do debate a respeito da matéria.

PODER E COTIDIANO

Relações. O poder é atributo das relações sociais, é fruto do contato entre os indivíduos e das suas ações a todo instante, sejam elas no campo político, econômico, cognitivo ou afetivo.

Pares. O poder não se resume ao que ocorre entre dominadores e dominados, ocorre também entre pares – indivíduos da mesma família, do mesmo grupo, pertencentes à mesma classe social, membros de bairros vizinhos – estando presente nas mais variadas situações e atividades cotidianas.

Ideologia. A noção de ideologia como expressão política estruturada em corpos sistematizados de ideias, ordenados e normatizados em uma lógica estatutária pretensamente universal, pouco se aproxima da realidade das práticas indiciárias experimentadas para administração, gestão e governo da vida cotidiana dos heterogêneos grupos sociais constitutivos da sociedade global.

Cotidiano. É no cotidiano que ocorrem os afastamentos ou restrições de pessoas de contextos ou atividades do dia a dia; a participação aceita, mas sob reservas, em determinados locais frequentados e as fofocas elogiosas ou depreciativas. No cotidiano, manifestam-se as práticas de poder afirmativas da desigualdade e da exclusão ameaçadoras da democracia.

Exclusão. O poder não se manifesta somente entre grandes instituições e nações. Excluídos não são apenas os países e continentes “subdesenvolvidos”, onde populações passam fome. Há estabelecidos e *outsiders* em todas as relações humanas.

Citação. Há grupos ou indivíduos que “podem reter ou monopolizar aquilo que os outros necessitam. Portanto, quanto maior as necessidades desses últimos, maior é a proporção de poder que detêm os primeiros” (ELIAS, 1994, p. 53).

Trafal. Neste sentido, o trafal de alguns abastece o poder de outros.

Problemática. Se, historicamente, as práticas políticas alimentam binarismos – nós vs. outros –, fomentando violência, desequilíbrio e exclusão, como enfrentar a escassez de competências sociais para estabelecer contatos interconscienciais, entendendo as diferenças como processos de negociação e articulação de elementos antagônicos e oposicionais, sem a pretensão de superá-los ou aniquilá-los?

DESTRAFALIZAÇÃO E ALTERIDADE

Trafalismo. Trafalismo é neologismo da Conscienciologia proposto por Waldo Vieira (2007, p. 2.064) para significar “o estudo especializado do trafal – traço faltante – ou a condição de ausência de determinado trafor – traço força – básico para a personalidade ou consciência, conscin ou consciex, completar o quadro pessoal, razoável, conscienciométrico do próprio nível evolutivo”.

Destrafalização. A destrafalização é a superação da condição de ausência de determinados trafores – traços forças – necessários para a execução satisfatória da proéxis.

Neotrafor. Segundo Vieira (2007, p. 2.065) “o estado ou a condição do trafalismo não é devido ao desaparecimento ou perda de algum trafor paragenético, preexistente ou congênito, e, sim, em função do neotrafor ainda não adquirido ou incorporado aos hábitos da conscin”.

Evidência. A natureza do neotrafor é exterior, portanto, a manifestação de sua existência é alterocêntrica.

Alteridade. Denomina-se alteridade a realidade própria do universo consciencial do *outro*. São infinitas as passagens, patamares e gradações entre si *mesmo* e o *outro*. A “noção de outro ressalta que a diferença constitui a vida social, à medida que esta efetiva-se através das dinâmicas das relações sociais. Assim sendo, a diferença é, simultaneamente, a base da vida social e fonte permanente de tensão e conflito” (VELHO, 1996, p.10).

Diferença. As relações alteritárias revitalizam a vida política à medida que propõem a afirmação e não a superação das diferenças.

Interdependência. O trafal – falta, lacuna, desconhecimento, desinformação, incompreensão, incultura, insciência e inexperiência – somente é revelado através do outro.

Trafor. O trafal da ipseidade é, sem dúvida, trafor de determinadas alteridades.

Paradoxo. A consciência reconhece seus trafais através do reconhecimento dos trafores do outro.

Empatia. Na relação entre conscins que possuem lacunas conscienciais similares, a conscin trafalista consciente, empática e assistencial, vivenciando a autodestrafalização, pode contribuir para o processo de destrafalização da conscin inconsciente.

Pressupostos. Admitindo ser o trafal a expressão da não aquisição ou incorporação do neotrafor, estão descritas a seguir, em ordem de complexidade, 10 condições adotadas como pressupostos explicativos desta realidade:

01. **Ignorância.** O trafal / neotrafor é absolutamente estranho, não identificável, imprevisível, desconhecido para a conscin.

02. **Incompetência.** A conscin é consciente do neotrafor, preocupa-se com a condição trafalista, esforça-se para solucioná-la e não consegue.

03. **Heterossabotagem.** Há o esforço da conscin para apropriar-se do neotrafor, porém não consegue devido aos contrapensenes daqueles que se beneficiam da sua condição trafalista.

04. **Autoengano.** A conscin admite o neotrafor e crê tê-lo incorporado quando, de fato, não o fez.

05. **Ceticismo.** Suspeita, procura, investiga, mas nenhuma evidência é suficiente para a conscin admitir-se trafalista.

06. **Denegação.** O trafal é verdadeiro, real, mas a conscin recusa sua veracidade demonstrando rejeição, inaceitação.

07. **Teatralismo.** A conscin *faz de conta* que admite a condição trafalista e que está trabalhando para incorporar o neotrafor.

08. **Dissimulação.** Na tentativa de ocultar os trafais para não ter que adotar neotrafores, a conscin foge do assunto, finge não saber do que se trata.

09. **Desfaçatez.** O neotrafor é identificado pela conscin trafalista, no entanto ela não o incorpora por desfaçatez ou impudência.

10. **Autossuficiência.** A conscin trafalista julga que os trafores que tem são suficientes, não sendo necessário mudar.

Parapatologia. Nas palavras de Vieira (2007, p. 2.065), “o achismo ou a achometria e o palpitismo ou a palpitometria, em geral, são recursos primários com os quais a pessoa busca suprir, inutilmente, os próprios trafais, abusando da inteligência dos outros.”

Conscienciomtria. A identificação e superação dos próprios traços é imprescindível na autodinamização da execução da proéxis.

A EXPERIÊNCIA POLÍTICA DAS INTERFACES ASSISTENCIAIS

Proéxis. Os intermissivistas da Conscienciologia têm como propósito comum a megameta política de contribuir para a transformação do planeta-hospital em planeta-escola.

Experiência política. Dentre as condições constituintes da experiência política, 4 merecem destaque:

1. **Palavras.** O mundo almejado precisa estar no discurso para ser realizado.
2. **Ações.** Ação política é a capacidade de romper com a automação implantando ações de impacto social para e com o coletivo. Toda a ação política é uma relação social.
3. **Companhias.** Somente com o outro é possível traduzir em palavras as formas pelas quais o mundo nos aparece mudado, e criar possibilidades efetivas de implementar ações transformadoras.
4. **Abertismo.** A experiência compartilhada, a comunidade estendida, a mudança de posicionamento para alcançar pensões e proposições mais maduras e abrangentes resulta do abertismo, acessibilidade e acolhimento entre consciências.

Democracia. A experiência democrática exige negociação política.

Negociação política. Mais do que respeitar, a negociação política implica em valorizar e validar experiências diferentes, não familiares, desconhecidas, novas e inéditas.

Tensão. Enxergar o mundo através da lente dos outros é aprendido tenso.

Desafio. Creditar experiências de outros, independente de gosto, familiaridade ou intimidade, é um desafio.

Trafal social. A superação da inflexibilidade, da intransigência e da firmeza de nossas posições a fim de possibilitar processos de negociação com a outra cultura ou com a cultura do outro é um trafal social.

Destrafalização. Neste sentido, a destrafalização integrando, como neotrafal, a prática das negociações políticas promotoras de encontros interculturais, é um processo continuado de superação das resistências em lidar com diferentes e diferenças.

Interfaces assistenciais. As interfaces assistenciais correspondem a recursos conjugados voltados a proporcionar uma ligação entre partes ou sistemas que não poderiam ser conectados diretamente. Tais recursos buscam a interação entre dimensões pessoais, coletivas, temáticas, contextuais, paradigmáticas e tecnológicas, nos campos assistenciais de pesquisa.

Conexão. As relações entre consciências com dificuldades de estabelecerem conexões direta e espontaneamente, dependem das interfaces assistenciais.

Assistentes. Assistentes promovem interfaces assistenciais sempre entre diferentes, no entanto, as dificuldades nas relações interconscienciais são mais ou menos acentuadas a depender do grau e intensidade em que variam as diferenças.

Assistidos. Assistidos promovem a interface entre assistentes e amparadores. Esta condição de “fazer a ponte”, consciente ou inconscientemente, é de natureza assistencial.

Interassistencialidade. Eis um axioma da interassistencialidade: as necessidades do outro são, em grande medida, as nossas necessidades.

Paradoxo. Toda assistência ao outro é também assistência ao assistente.

Processo. No processo interassistencial, o duo assistente / assistido é dinâmico considerando que ambos compartilham tais papéis em movimento de alternância.

Alternância. As relações ou interações sadias cultivam a alternância participativa de pensamentos, sentimentos e ações.

Pensamento. O pensamento é mais do que um guia na tríade formativa do pensene, é o agente qualificador dos sentimentos e energias.

Pensene. No diálogo, é necessário pensar antes de comunicar, ou no mínimo, ao mesmo tempo que comunicamos; a qualidade do sentimento depende da sua significação (saber o sentido do que se está sentindo); ainda, o domínio qualitativo das energias resulta do reconhecimento autoconsciente dos padrões de pensamento e sentimento que estabelecem o padrão singular ou coletivo das energias conscienciais.

Diálogo. No diálogo interassistencial, o poder terapêutico da comunicação é compartilhado.

Comunicação sadia. Comunicação sadia é aquela que empodera, com a maior e melhor equidade possível, assistentes e assistidos.

Referência. O assistido, quando procura o assistente, quase sempre, está em busca de novas referências terapêuticas. O melhor assistente é aquele que faz o mesmo na relação com o assistido.

Indicador. Um importante indicador da qualidade da interassistência é, portanto, a expansão das referências.

Cientista. Todo cientista fundamenta seus experimentos em marcos referenciais.

Referencial assistencial. O pesquisador, na qualidade de cientista da consciência, procura embasar seus experimentos nos referenciais assistenciais propostos, sistematizados e instrumentalizados pelo paradigma consciencial.

Tares. A tares é a expressão do referencial assistencial do paradigma consciencial.

Natureza. A tares é de natureza heterogeneizante, parte do princípio da singularidade das necessidades.

Meta. A meta complexa da tarefa assistencial é, portanto, observar, investigar, conhecer as próprias necessidades e as dos demais.

Necessidades. A identificação de heteronecessidades exige silenciamento cosmoético na criação de ambiente favorável ao pronunciamento da realidade.

Silenciamento cosmoético. Ainda praticado na condição de conduta exceção nos processos assistenciais, o silenciamento cosmoético é a condição na qual o assistente planeja e executa o objetivo soberano de auscultar o seu universo intraconsciencial ou do outro, assistido ou não, apoiado pelos amparadores.

Profilaxia. Tal postura profilática minimiza as precipitações interpretativas e prescritivas, erros frequentes cometidos por principiantes e veteranos no processo de assistência.

Arqueologia. A assistência é tarefa reeducativa de natureza arqueológica, uma vez que estabelece o desafio de, na escavação superficial, desvendar sinais, vestígios, vislumbres, a partir dos quais é possível inaugurar investigações holobiográficas, hologrupográficas e holossociográficas.

Reeducação. A reeducação é um processo de recomposição. Busca estabelecer novos parâmetros de constituição, organização, capacitação, produção e qualificação das relações de desenvolvimento pelo conhecimento, gerando e gerindo ecossistemas reeducativos pautados na criticidade, autonomia, liberdade, respeito, solidariedade, cooperação e criatividade.

Ecossistemas reeducacionais. Ecossistemas reeducacionais são territórios de solidariedade onde as experiências individuais compartilhadas são a gênese de empoderamentos cognitivos e afetivos vivenciados e operados através da participação em instâncias pedagógico-organizativas da vida social.

Campos assistenciais. Os campos assistenciais configuram-se em ecossistemas reeducacionais, nos quais o pesquisador procura ampliar quantitativa e qualitativamente os referenciais e as interfaces assistenciais.

Campi. Dentre os tantos ambientes que compõem os ecossistemas reeducacionais dos *campi* da Conscienciologia, dois constituem-se em espaços cujas estruturas foram arquitetonicamente planejadas para a potencialização técnica das interfaces assistenciais:

1. **Acoplamentarium:** desenvolvido para possibilitar a ocorrência simultânea da interface entre todos os participantes na aplicação da *técnica do acoplamento áurico* promovida a partir do núcleo dual conscin-epicon / conscin-coadjutor.

2. **Tertuliarium:** construído para permitir a interface entre todos os participantes na realização das Tertúlias onde verbete e verbetógrafo atuam como catalisadores do debate.

Interculturalidade. Ao estimular relações através da exposição pública dos posicionamentos a respeito do mundo, das consciências e dos assuntos a eles relacionados, os ecossistemas reeducacionais conscienciológicos estão a construir a interculturalidade.

Reciprocidade. Ao criar espaços onde as consciências são percebidas e ouvidas simultaneamente de forma interativa, os ecossistemas reeducacionais conscienciológicos estão a construir a reciprocidade.

Modelo. A relação conscin cientista-professor-autor-epicon da Conscienciologia com as demais conscins e consciexes compassageiras evolutivas deve ter a interculturalidade como fundamento.

Escala evolutiva. A hierarquia da escala evolutiva desconstrói a lógica hierárquica de natureza excludente soberanamente operada neste planeta.

Maturidade política. Nesse sentido, a maturidade assistencial representa maturidade política, expressada no enfrentamento das dificuldades inerentes à decisão de estender o tratamento assistencial oferecido aos afins ao maior contingente de consciências compassageiras evolutivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Padrão. Refletir acerca das histórias que nos contam e que contamos sobre os outros, sobre as origens dos preconceitos, estereótipos, hierarquias e binarismos construídos para significar as diferenças, ajuda-nos a identificar como as estratégias de poder empreendidas para eliminar e superar as diferenças em nome de uma racionalidade homogeneizadora tornaram-se *trafar social*, conduta padrão nas relações de poder.

Renovação. A experiência política das interfaces assistenciais é, sobretudo, uma experiência intercultural na qual poderes são intercambiáveis alternadamente: ora somos assistentes, ora assistidos, embora, na maioria das vezes, vivamos a unidade complexa, contraditória, concorrente e complementar entre estas duas lógicas.

Criatividade. Destrafalizar as relações alteritárias requer o exercício da criatividade viabilizadora de estratégias de poder comprometidas em unir operando diferenciações.

Hibridismo. Trata-se, portanto, de uma espécie de hibridismo cognitivo e afetivo resultante do cruzamento de experiências, potencialmente capaz de, na desconstrução das barreiras de convivência, permitir o intercâmbio prazeroso de ideias e afetos *possíveis*, fertilizando e pluralizando singularidades.

REFERÊNCIAS

1. Elias, Norbert; *Conocimiento y Poder*; 21 x 14 cm; *La Piqueta*; Madrid; Espanha; 1994.
2. Velho, Gilberto; Alvito, M. (Orgs.); *Cidadania e Violência*; 21 x 14 cm; Editora UFRJ / Editora FGV; Rio de Janeiro, RJ; 1996.

3. **Vieira**, Waldo; *Enciclopédia da Conscienciologia*; revisores: equipe de Revisores do Holociclo / CEAEC; 2 Vols.; 2.494 p.; 80 abrevs.; 1 biografia; 720 contrapontos; cronologias; 35 *E-mails*; 16 endereços; 2.892 enus.; estatísticas; 6 filmografias; 1 foto; 720 frases enfáticas; 5 índices; 1.722 neologismos; 1.750 perguntas; 720 remissiólogias; 16 siglas; 50 tabs.; 135 técnicas; 16 *websites*; 603 refs.; 1 apênd.; alf.; estrang.; geo.; ono.; tab.; 28 x 21 x 12 cm; enc.; 3ªEd. Protótipo / rev. e aum.; *Associação Internacional Editares*; Foz do Iguaçu, PR; 2007.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

01. **Arruda**, Angela (Org.); *Representando a Alteridade*; 164 p.; 7 caps.; 21 x 13,5 cm; *Vozes*; Petrópolis, RJ; 1998.
02. **Augé**, Marc; *O Sentido dos Outros: Atualidade da Antropologia*; 172 p.; 7 caps.; 21 x 13,5 cm; *Vozes*; Petrópolis, RJ; 1999.
03. **Bauman**, Zigmunt; *Em Busca da Política*; 214 p.; 3 caps. 21 x 14 cm; *Zahar*; Rio de Janeiro, RJ; 2000.
04. **Buber**, Martin; *Eu e Tu*; 2ª Ed.; 170 p.; 3 caps.; 21 x 14 cm; *Moraes*; São Paulo, SP; 1979.
05. **Elias**, Norbert; *Os Estabelecidos e os Outsiders: Sociologia das Relações de Poder a partir de uma Pequena Comunidade*; 9 caps.; 224 p.; 21 x 14 cm; *Zahar*; Rio de Janeiro, RJ; 2000.
06. **Geertz**, Clifford; *O Saber Local*; 7ª Ed.; 364 p.; 8 caps.; 21 x 14 cm; *Vozes*; Petrópolis, RJ; 1997.
07. **Lévinas**, Emmanuel; *Ensaio sobre a Alteridade*; 2ª Ed.; 304 p.; 20 caps.; 21 x 13,5 cm; *Vozes*; Petrópolis, RJ; 2005.
08. **Martínez**, Albertina Mitjáns; **Simão**, Livia Mathias (Orgs.); *O Outro no Desenvolvimento Humano: Diálogos para a Pesquisa e a Prática Profissional em Psicologia*; 174 p.; 8 caps.; 23 x 16 cm; *Thomson*; São Paulo, SP; 2004.
09. **Martins**, José de Souza; *A Sociabilidade do Homem Simples*; 2ª Ed.; 172 p.; 7 caps.; 23 x 16 cm; *Contexto*; São Paulo, SP; 2010.
10. **Rinaldi**, Jorge; *A Ética da Diferença: Um Debate Entre Psicanálise e Antropologia*; 158 p.; 21 x 13,5 cm; *Zahar*; Rio de Janeiro, RJ; 1996.
11. **Sidekum**, Antônio (Org.); *Alteridade e Multiculturalismo*; 464 p.; 21 x 15 cm; *Unijuí*; Ijuí, RS; 2003.
12. **Silva**, Tomaz Tadeu da; *Identidade e Diferença: A Perspectiva dos Estudos Culturais*; 5ª Ed.; 134 p.; 3 caps.; 21 x 13,5 cm; *Vozes*; Petrópolis, RJ; 2000.
13. **Vial**, Sandra Regina Martini; *Direito Fraternal na Sociedade Cosmopolita*; *Revista do Instituto de Pesquisas e Estudos*; V. 1; N. 46; Bauru, SP; Julho-Dezembro; 2006; páginas 119 a 134.
14. **Vieira**, Waldo; *200 Teáticas da Conscienciologia*; 260 p.; 200 caps.; 13 refs.; alf.; 21 x 14 cm; br.; *Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia (IIPC)*; Rio de Janeiro, RJ; 1997.
15. **Idem**; *Homo sapiens pacificus*; revisores Equipe de Revisores do Holociclo; 1.584 p.; 24 seções; 413 caps.; 403 abrevs.; 38 *E-mails*; 434 enus.; 484 estrangeirismos; 1 foto; 37 ilus.; 168 megapensenes trivocabulares; 1 microbiografia; 36 tabs.; 15 *websites*; glos. 241 termos; 25 pinacografias; 103 musicografias; 24 discografias; 20 cenografias; 240 filmes; 9.625 refs.; alf.; geo.; ono.; 29 x 21,5 x 7 cm; enc.; 3ª Ed. Gratuita; *Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC)*; & *Associação Internacional Editares*; Foz do Iguaçu, PR; 2007.
16. **Idem**; *Homo sapiens reurbanisatus*; revisores Equipe de Revisores do Holociclo; 1.584 p.; 24 seções; 479 caps.; 139 abrevs.; 12 *E-mails*; 597 enus.; 413 estrangeirismos; 1 foto; 40 ilus.; 1 microbiografia; 25 tabs.; 4 *websites*; glos. 241 termos; 3 infográficos; 102 filmes; 7.663 refs.; alf.; geo.; ono.; 29 x 21 x 7 cm; enc.; *Princeps*, Ed. Especial; *Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC)*; Foz do Iguaçu, PR; 2004.
17. **Idem**; *700 Experimentos da Conscienciologia*; 1.058 p.; 700 caps.; 147 abrevs.; 600 enus.; 8 índices; 2 tabs.; 300 testes; glos. 280 termos; 5.116 refs.; alf.; geo.; ono.; 28,5 x 21,5 x 7 cm; enc.; *Instituto Internacional de Projeciologia (IIP)*; Rio de Janeiro, RJ; 1994.